



KnoWhy #244

Novembro 8, 2017



Por que Riplaquis construiu um magnífico trono?

"E erigiu para si mesmo um magnífico trono"

Éter 10:6

O conhecimento

Riplaquis, o décimo rei jaredita, foi um governante vaidoso e perverso que "erigiu para si mesmo um magnífico trono" (Éter 10:6). Embora seja difícil determinar a época exata, é seguro dizer que esta história sobre um trono extravagante data do início da América pré-colombiana. O arqueólogo santo dos últimos dias John E. Clark confirma isso: "A civilização mais antiga da Mesoamérica é conhecida por seus elaborados tronos de pedra".

Conhecidos pelos estudiosos como olmecas (1700-400 a.C.), a primeira civilização mesoamericana começou a construir tronos de pedra entre 1350-1000 a.C. Esses tronos geralmente eram feitos de uma única pedra grande, semelhante a um altar, com ornamentos esculpidos de representações tridimensionais dos próprios governantes sentados no que parece ser aberturas semelhantes a cavernas.



De acordo com a historiadora de arte Mary Ellen Miller, alguns tronos podem ter sido pintados ou adornados com "cores vivas". Uma dessas representações de um trono elaborado multicolorido aparece em uma pintura de parede do final do período pré-clássico médio (800-500 a.C.) em Oxtotitlán,

México, que se assemelha muito a um trono olmeca do local de La Venta ("Altar 4").

As pedras maciças usadas para fazer esses tronos e as cabeças de pedras colossais dos olmecas podiam pesar até 40 toneladas e eram transportadas a uma distância de até 90 km. "Os rigorosos requisitos de mão de obra envolvidos nessas operações", explicou Christopher A. Pool, "atestam o poder excepcional dos governantes que as encomendaram."

"O trono do altar era parte integrante do aparato dos governantes olmecas", declarou Richard Adams. Mary E. Pye explicou que os tronos funcionavam "como marcadores na hierarquia social e política". De acordo com James Porter, os "tronos olmecas desempenharam um papel na carreira dos líderes olmecas proporcional à sua impressionante aparência como esculturas".

John E. Clark, escrevendo com Arlene Colman, observou que a construção de tronos maciços era uma das maneiras pelas quais os reis olmecas comemoravam a si mesmos (junto com as colossais cabeças de pedra e estátuas de figuras completas). Os tronos olmecas serviam como "assentos de poder", posicionando simbolicamente os governantes entre o reino humano e divino, e legitimando seu alto status ao estabelecer a continuidade com os ancestrais fundadores. Eles também posicionavam "o governante, tanto figurativa quanto contextualmente, no controle da fertilidade agrícola", onde ele podia controlar "a chegada das chuvas e, por extensão, a contínua abundância agrícola das terras".

O porquê

Para construir um "magnífico trono", Riplaquis precisava ter poder suficiente para controlar uma força de trabalho massiva. Riplaquis é descrito como o segundo rei após um período de fome que dizimou o reino Jaredita (Éter 9:28-35). Seu pai havia começado a reconstruir o reino (Éter 10:1-4) e, quando Riplaquis assumiu, ele já exercia um poder considerável. Ele sobrecarregou o povo com fardos "difíceis de suportar" e os forçou para que "trabalhassem continuamente" (Éter 10:5-6).



Ao construir um trono elaborado, Kerry Hull propôs que Riplaquis provavelmente pretendia se estabelecer como controlador das chuvas e outros elementos centrais para o crescimento agrícola bem-sucedido, já que ele estava governando logo após uma época de fome (Éter 9:28-35). Ele também teria feito ligações com ancestrais ou fundadores importantes, imortalizando Riplaquis em pedra e o retratando como sentado entre a terra e o reino sobrenatural ou divino. Assim, ao erguer um magnífico trono, Riplaquis se posicionou como um líder político e religioso.

O esforço de Riplaquis para se retratar como um grande líder e guia espiritual foi corajosamente denunciado pelo profeta Éter, que disse: "Riplaquis não fez o que era correto aos olhos do Senhor" (Éter 10:5). Isso também não enganou seu povo. Depois de ter reinado por 42 anos, "o povo rebelou-se contra ele [...] resultando na morte de Riplaquis e expulsão de seus descendentes da terra" (Éter 10:8). Quando isso aconteceu, o trono de Riplaquis pode ter sido desfigurado e mutilado para deslegitimar seus sucessores, como era típico quando um governante olmeca era deposto.

O retrato geral do livro de Éter sobre a construção de um trono elegante e elaborado muito cedo na história da América antiga, está totalmente correto, embora, como John E. Clark aponta: "Os preconceitos americanos contra as tribos nativas na época de Joseph não davam espaço para reis ou suas tiranias".

Isso levou Clark a perguntar: "Como Joseph Smith poderia acertar esse detalhe?" Seja qual for a resposta que se queira dar a essa pergunta, o estudo dos tronos pré-colombianos antigos esclarece consideravelmente a história de Ripláquis.

Leitura complementar

John L. Sorenson, *Mormon's Codex: An Ancient American Book* (Salt Lake City y Provo, UT: Deseret Book e Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), pp. 515–518.

Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 6: pp. 269–273.

John E. Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", *Journal of Book of Mormon Studies* 14, no. 2 (2005): pp. 45–46.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Outros reis Jareditas também se sentaram em um "trono", embora nenhum outro seja descrito como "magnífico" ou particularmente elaborado. Ver Éter 7:18; 9:5-6; 14:6,9.
2. A cronologia Jaredita carece de qualquer datação externa sólida, portanto, a datação dos eventos é difícil e as opiniões variam muito. David Palmer data o reinado de Ripláquis por volta de 2020 a.C., e John Sorenson data de 1900 a.C., enquanto John Clark e Joseph Allen datam por volta de 1200 a.C., e Brant Gardner data de cerca de 800-770 a.C. Ver David A. Palmer, *In Search of Cumorah: New Evidence for the Book of Mormon from Ancient Mexico*, 2ª edição (Springville, UT: Cedar Fort, 1999), p. 128; John L. Sorenson, *Mormon's Codex: Ancient American Book* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and Neal A. Maxwell Institute for Religious Scholarship, 2013), p. 515; John E. Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", *Journal of Book of Mormon Studies* 14, no. 2 (2005): p. 46; Joseph L. Allen e Blake J. Allen, *Exploring the Lands of the Book of Mormon*, edição revisada (American Fork, UT: Covenant Communications, 2011), p. 120; Brant A. Gardner, *Second Witness: Analytical and Contextual Commentary on the Book of Mormon*, 6 v. (Salt Lake City, UT: Greg Kofford Books, 2007), 6: p. 273.
3. Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", p. 46.
4. Ver Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", p. 48. Ver também Joel W. Polka, "Olmec", in *The A to Z of Ancient Mesoamerica* (Lenham, MD: Scarecrow Press, 2010), pp. 92–93. Para saber mais sobre as conexões entre os olmecas e os Jareditas, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que o Livro de Mórmon inclui a ascensão e queda de duas nações? (Éter 11:20-21)", *KnoWhy* 245 (9 de novembro de 2017).
5. John E. Clark e Arlene Colman, "Time Reckoning and Memorials in Mesoamerica", *Cambridge Archaeological Journal* 18, no. 1 (2008): p. 97. Mary Miller e Karl Taube, *An Illustrated Dictionary of the Gods and Symbols of Ancient Mexico and the Maya* (New York, NY:

- Thames and Hudson, 1993), p. 165 datam os primeiros tronos "por volta de 1200 a.C.". 6. Ver exemplos em Mary Ellen Miller, *The Art of Mesoamerica: From Olmec to Aztec*, 5th edition (New York, NY: Thames and Hudson, 2012), pp. 38–39. 7. Miller, *The Art of Mesoamerica*, p. p. 38. 8. David C. Grove, "The Middle Preclassic Period Paintings of Oxtotitlan, Guerrero", FAMSI, disponível em <https://www.famsi.org/research/grove/index.html>; ver também David C. Grove, "Olmec Altars and Myths", *Archaeology* 26 (1973): pp. 128–135. 9. Christopher A. Pool, *Olmec Archaeology and Early Mesoamerica* (New York, NY: Cambridge University Press, 2007), p. 10. Grandes tronos (anteriormente rotulados erroneamente como "altares"), possivelmente retratos em memória do antigo rei, também foram esculpidos nas famosas cabeças colossais olmecas. Ver James B. Porter, "Olmec Colossal Heads as Recarved Thrones: 'Mutilation', Revolution, and Recarving", *Res: Anthropology and Aesthetics* pp. 17–18 (Spring-Autumn 1989): pp. 23–30. Por exemplo, os Monumentos 2 e 53 de San Lorenzo são, de acordo com Ann Cyphers, "claramente ressurgiram dos tronos". Ann Cyphers, "From Stone to Symbols: Olmec Art in Social Context at San Lorenzo Tenochtitlán", in *Social Patterns in Pre-Classic Mesoamerica*, ed. David C. Grove e Rosemary A. Joyce (Washington, D.C.: Dumbarton Oaks Research Library and Collection, 1999), p. 163. Ver também Pool, *Olmec Archaeology*, 121; Richard E. W. Adams, *Prehistoric Mesoamerica*, 3ª edição (Norman, OK: University of Oklahoma, 2005), pp. 69–70. 10. Pool, *Olmec Archaeology*, p. 10. 11. Adams, *Prehistoric Mesoamerica*, p. 86. 12. Mary E. Pye, "Themes in the Art of the Preclassic Period", in *The Oxford Handbook of Mesoamerican Archaeology*, ed. Deborah L. Nichols and Christopher A. Pool (New York, NY: Oxford University Press, 2012), pp. 800. 13. Porter, "Olmec Colossal Heads as Recarved Thrones", p. 24. 14. Clark e Colman, "Time Reckoning", p. 96; Pool, *Olmec Archaeology*, p. 10. 15. Guernsey descreve o trono de estilo olmeca em Oxtotitlán, México, como "um trono celestial", retratando um governante "envolvido em comunhão sobrenatural através de um portal cósmico simbolizado pela abertura do Lóbulo". Julia Guernsey, *Ritual and Power in Stone: The Performance of Rulership in Mesoamerican Izapan-style Art* (Austin, TX: University of Texas Press, 2006), p. 80. 16. Susan D. Gillespie, "Olmec Thrones as Ancestral Altars: The Two Sides of Power", in *Material Symbols: Culture and Economy in Prehistory*, ed. John E. Robb (Carbondale, IL: Center for Archaeological Investigations, 1999), pp. 224–253. 17. Guernsey, *Ritual and Power in Stone*, pp. 80–81. Isso se deve ao fato de que elas eram consideradas cavernas simbólicas, lugares de onde se pensava que as chuvas vinham na Mesoamérica. 18. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que as serpentes infestaram as terras Jareditas durante um período de fome? (Éter 9:31)", *KnoWhy* 243 (7 de novembro de 2017). 19. Kerry Hull, comunicação pessoal com a equipe da Central do Livro de Mórmon. 20. Grove observou que "algumas 'mutilações de monumentos' no estilo olmeca podem ter ocorrido na morte de um líder". David C. Grove, "Chalcatzingo: A Brief Introduction", *PARI Journal* 9, no.1 (2008): p. 3. Ver também David C. Grove, "Olmec Monuments: Mutilation as a Clue to Meaning", in *The Olmec and Their Neighbors: Essays in Honor of Matthew W. Stirling*, ed. Elizabeth P. Benson (Washington, DC: Dumbarton Oaks, 1981), pp. 49–68; Pool, *Olmec Archaeology*, pp. 120–121. Há boas evidências de mutilação de monumentos olmecas ocorrendo dentro de alguns dos intervalos de tempo propostos por Ripláquis que foram feitos pelo povo do governante. O especialista olmeca Michael Coe declarou: "Perto do final da fase de San Lorenzo (1150-900 a.C.) todos os grandes monumentos de basalto de San Lorenzo foram mutilados[...] Considero que foi um ato revolucionário, pois não temos nenhuma evidência de que tenha sido outra pessoa que não o próprio povo de San Lorenzo que realizou esse grande ato de destruição." Michael D. Coe, "Solving a Monumental Mystery", *Discovery* 3, no. 1 (1967):p. 25. 21. Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", p. 45. 22. Clark, "Archaeology, Relics, and Book of Mormon Belief", p. 46.